

**O PAPEL DOS MARCADORES DISCURSIVOS NA ESCRITA E NA FALA:
UMA TAXONOMIA TEXTUAL E INTERPESSOAL SOB O ENFOQUE DA
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**The role of discourse markers in writing and speech: a textual and interpersonal
taxonomy under the approach of Systemic-Functional Linguistics**

Leila Cristina da SILVA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), São Paulo, Brasil

Resumo: *Desconhecer que as escolhas lexicogramaticais da escrita diferem daquelas do oral, faz com que o falante realize uma transferência de características da oralidade para escrita, como o uso de marcadores discursivos. Este artigo examina a ocorrência dos marcadores discursivos textual e interpessoal e sua função na persuasão do texto. O corpus compõe-se de uma entrevista (Projeto NURC) e de um artigo de opinião (Folha de S. Paulo). A Pesquisa tem apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, desta forma a entrevista e o artigo de opinião foram segmentados em unidades oracionais, cujas relações discursivas foram analisadas a partir das subcategorias dos MDs Textual e Interpessoal. Nas duas modalidades a preponderância quanto ao uso dos marcadores ficou para os Textuais, embora na oralidade sua presença tenha sido maior. Por outro lado, a presença de Interpessoais foi maior na escrita.*

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores discursivos; Artigo de opinião; Conversa; Linguística Sistêmico-Funcional

ABSTRACT: *Not knowing that lexicographic choices of writing differ from those of the oral one, the speaker may carry out a transference of characteristics from orality to writing, such as the use of discourse markers. This article examines the occurrence of textual and interpersonal discourse markers and their function in persuasion of the text. The corpus is composed by an interview (Projeto NURC) and by an opinion article (Folha de S.Paulo). The research is supported by Systemic-Functional Linguistics, thus the interview and opinion article were segmented in sentence units, whose discursive relations were analyzed from the subcategories of Textual and Interpersonal MDs. In both modalities the preponderance regarding the use of the markers remained for the Textual, although in orality their presence was greater. On the other hand, the Interpersonal presence was greater in writing.*

KEYWORDS: Discourse markers; Opinion article; Conversation; Systemic Functional Linguistics

1. Introdução

O exame de textos escritos, envolvendo diferentes gêneros discursivos, produzidos por alunos do Ensino Médio, mostra que um dos fatores que interferem negativamente nessa produção é o desconhecimento, por parte do aluno, de que a lexicogramática da modalidade oral é, em grande parte, diferente daquela da escrita. Nesse sentido, acompanhando o desempenho dos alunos, ao longo de anos de correção de redações do Ensino Médio, a tendência verificada é a transposição de escolhas lexicogramaticais da modalidade oral para a modalidade escrita sem fazer as adaptações exigidas por esta última. Vários desses recursos têm a ver com o fato de, na fala, a pessoa estar face a face com o interlocutor, sofrendo a pressão de tempo decorrente desse fato, enquanto que na escrita isso não ocorre, o escritor pode rever seu texto e editá-lo. Dentre os referidos recursos estão os que chamaremos de marcadores discursivos (doravante MDs).

Há muita controvérsia a respeito do significado da expressão “marcadores discursivos”. Para Taboada (2006), a primeira dificuldade está na definição exata do que são e como chamá-los – *marcadores de coerência, MDs, marcadores lexicais, operadores discursivos, conectivos pragmáticos, conectivos sentenciais, instrumentos sinalizadores de discurso*.

Assim, Fraser (1999) propõe que os MDs sejam conjunções, advérbios e frases preposicionais ligando sentenças ou orações; Redeker (1990, 1991) sugere que ligam não apenas sentenças contíguas, mas a sentença com o contexto imediato; Schiffrin (1987, 2001) acredita que tenham tanto funções locais quanto globais; Blakemore (1987, 1992, 2002 apud TABOADA, 2006, p. 572), afirma que essas marcas restringem as implicaturas que o ouvinte extrai, pois discurso sem conectivos fica aberto a mais de uma implicatura; Louwse e Mitchell (2003 apud TABOADA, 2006) consideram como conectivos os instrumentos coesivos sinalizadores de coerência, marcando pontos de transição dentro de uma sentença, entre sentenças, ou entre turnos. Para Thompson e Thetela (1995), o MD refere-se a diversos elementos linguísticos empregados pelo autor para guiar ou direcionar o leitor para o modo como devemos entendê-lo e para o seu posicionamento em relação a ele.

Nesse contexto, Dafouz-Milne (2008) trata da relação entre os MDs e a persuasão. Para persuadir, diz a autora, os escritores devem apresentar o conteúdo de forma convincente e atrativa. Além disso, precisam criar uma *persona* textual e desenvolver uma atitude apropriada em relação aos leitores e às afirmações apresentadas. Na construção dessa *persona*, o MD desempenha um papel vital. Contudo, enquanto a função persuasiva do MD tem sido discutida e provada (HYLAND, 1998, 2005; DAFOUZ, 2003), o efeito persuasivo na audiência não está tão evidente, explica Dafouz-Milne. Taboada (2006), examinando as relações retóricas angariadas por meio dos MDs, propõe a sua inclusão na análise mais geral da coerência discursiva – o modo como falantes e ouvintes integram as formas, significados e ações para fazer sentido a partir do que é dito.

Neste artigo, examinamos, na língua portuguesa, em um texto da modalidade oral e um da modalidade escrita, a ocorrência do MD de organização textual (MDT) e interpessoal (MDI), segundo Dafouz-Milne (2008), com base na classificação de Hyland e Tse (2004). Assim, buscamos entender como se comportam os MDs na modalidade oral e na modalidade escrita para melhor instruir os alunos em suas produções textuais. O *corpus* deste trabalho compõe-se de uma entrevista, coletada pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil), e de um artigo de opinião publicado no jornal Folha de S.Paulo. A pesquisa tem apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, abordagem que procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

2. Fundamentação Teórica

Apresentamos, a seguir, um panorama dos estudos sobre o MD, antecedido por uma breve explicação das metafunções textual e interpessoal (HALLIDAY, 1994), em que se baseiam os MDs textuais e interpessoais.

2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

A LSF, teoria iniciada por Halliday (1994), examina o modo como a língua está estruturada para o uso, partindo da descrição de como ela é utilizada em textos autênticos. Os usuários da língua interagem para construir significados a fim de entender o mundo e o outro. Cada palavra que dizemos realiza três metafunções: alguma coisa (ideacional) dita a alguém (interpessoal) de algum modo (textual). Essa fusão dos três significados é possível, diz Halliday (1994), porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática, que entra no texto através das orações.

A partir de cada metafunção são realizadas muitas outras funções, cada uma em um sistema diferente. Cada realização é uma escolha, um ato normalmente inconsciente, guiado por motivos individuais, segundo intenções, afetividade, subjetividade, razões sociais, históricas e culturais, ditadas pelo contexto.

A seguir nos deteremos às metafunções interpessoal e textual, iniciando com a metafunção interpessoal e as contribuições que ela tem recebido a fim de embasar os procedimentos adotados na análise.

2.1.1 A Metafunção Interpessoal

Quando nos comunicamos, diz Halliday (1994), a estrutura oracional está organizada como mensagem e como evento interativo. Dessa forma, usamos a língua para construir significados interpessoais, ou seja, nossas relações com outras pessoas e atitudes

em relação a elas. Thompson e Thetela (1995) fazem a seguinte distinção no interior da metafunção interpessoal, com funções distintas no enunciado: (i) *pessoal* (posicionamento pessoal do escritor) e (ii) *interacional* (interação entre escritor e leitor), respectivamente. Além disso, acrescentam uma terceira, a *interativa*, com instrumentos que guiam o leitor no texto, incluídos na noção de MD textual. Para Taboada (2006), a coerência discursiva pode ser conseguida por meios diferentes, e um deles é via relações que juntam diferentes partes do discurso. Os MDs guiam o receptor do texto no reconhecimento dessas relações, fato que lhes possibilita a atribuição de coerência ao texto. Em outras palavras, as relações retóricas foram propostas como uma explicação da construção da coerência no discurso e, segundo Taboada, os marcadores de sinalização de relações de coerência mais estudados são os MDs.

2.2 O Metadiscurso

Na LSF, o MD tem sido tratado como marcador metadiscursivo (MMD), conceito que deriva do postulado de que as pessoas usam a língua não somente para expressar significado ideacional, baseado na informação sobre o mundo, mas que esse significado referencial é complementado com outras dimensões do significado linguístico (SCHIFFRIN, 1980; MAURANEN, 1993a, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.678). Hempel e Degand (2008) utilizam o termo para se referir aos vários *tokens* linguísticos utilizados pelo escritor para direcionar o leitor para o modo como deve entender o texto, e o seu posicionamento em relação a ele. Com referência às metafunções de Halliday, segundo as autoras, pode-se traçar uma linha entre a função ideacional de um lado e as funções interpessoal e textual de outro. O metadiscurso preenche as duas últimas funções:

- (i) O metadiscurso textual (MMDT) enfoca a compreensão do significado ideacional e serve para organizar o discurso estruturando seu conteúdo proposicional, introduzindo sequências ou referindo-se à fonte do material proposicional.
- (ii) O metadiscurso interpessoal (MMDI) mostra o envolvimento do autor no texto, sua atitude em relação ao conteúdo proposicional e à audiência, sua avaliação e sua tentativa para convencer ou capturar a audiência.

A distinção entre os metadiscursos textual e interpessoal foi estabelecida como sendo uma dualidade bastante rígida por vários linguistas (CRISMORE; FARNSWORTH, 1990; CRISMORE *et al.*, 1993; HYLAND, 1998, 2000; VANDE KOPPLE, 1985, 2002, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.680). Entretanto o metadiscurso textual é claramente motivado também por aspectos interpessoais e pode ser considerado o resultado de decisões feitas pelo escritor para tornar mais claras as conexões, ajudando o leitor a navegar pelo texto. Hyland e Tse afirmam que "todo

metadiscursos é interpessoal no sentido de que considera o conhecimento do leitor, experiência textual e necessidades de processamento e que ele fornece aos escritores uma série de meios retóricos para tanto" (HYLAND; TSE, 2004, p.161).

2.3 Os MMDT e OS MMDI e a Persuasão

Dafouz-Milne (2008) procurou identificar os MDs que caracterizam o discurso jornalístico, em especial os artigos de opinião, que constituem uma parte dos nossos dados, e verificou que o metadiscursos desempenha um papel vital. Para persuadir, os articulistas devem apresentar o material proposicional numa forma que a audiência o julgará mais convincente e atrativo, criando uma *persona* textual e desenvolvendo uma atitude apropriada em relação a seus leitores e às afirmações que apresentam. Os achados de Dafouz-Milne sugerem que MMDTs e MMDIs estão presentes nesses artigos, embora haja variações quanto a sua distribuição e a sua composição.

Segundo a autora, após mais de duas décadas desde a publicação dos primeiros trabalhos sobre metadiscursos (DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), o interesse nessa noção é grande tanto da perspectiva teórica quanto da prática. A prova disso é a quantidade de estudos que têm adotado a abordagem metadiscursiva (CRISMORE, 1989; CRISMORE *et al.*, 1993; MAO, 1993; HYLAND, 1998; DAFOUZ, no prelo, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 97), bem como a recente publicação do livro de Hyland (2005), que sintetiza as diferentes concepções, revê os estudos mais relevantes e visa a "oferecer um modelo de metadiscursos mais robusto, explícito e útil" (2005, p. 35).

Hyland (2005) e Hyland e Tse (2004) estabeleceram uma forte visão interpessoal do metadiscursos e propuseram uma mudança na terminologia, adotando o rótulo de metadiscursos *interativo* (em vez de textual) e metadiscursos *interacional* (em vez de interpessoal). Embora o estudo de Dafouz-Milne alinhe-se com os princípios de que tais categorias são intrinsecamente interpessoais e almejam persuadir o leitor, a autora prefere continuar a distinção funcional de marcadores textuais e marcadores interpessoais, como mostram os Quadros 1 e 2. Assim também se fará neste artigo.

Quadro 1 - Categorias do metadiscursos textual

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Marcadores lógicos Expressam relações semânticas entre trechos do discurso	Aditivo Adversativo Consecutivo Conclusivo	<i>e</i> <i>mas</i> <i>assim</i> <i>finalmente</i>
Sequenciadores Marcam posições em uma série		<i>primeiro</i>
Rememoradores Refere-se a texto anterior		<i>voltando</i>
Topicalizadores Indica mudança de tópico		<i>em termos políticos</i>

Explicitadores Explica, rephraseia ou exemplifica	Parênteses	<i>Quando (como foi no caso...)</i>
	Pontuação	<i>A evasão de taxas:</i>
	Reformuladores	<i>Isto é</i>
	Exemplificadores	<i>por exemplo</i>
Marcadores Illocucionários Nomeia explicitamente o ato do escritor		<i>Eu proponho</i>
Anunciadores Refere-se a futuras seções no texto		Como veremos adiante

Fonte: Dafoulz-Milne (2008)

Quadro 2 - Categorias do metadiscorso interpessoal

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Hedges (modalizadores) Expressam compromisso parcial ao valor-verdade do texto	Verbos epistêmicos	<i>pode</i>
	Advérbios de probabilidade	<i>provavelmente</i>
	Expressões epistêmicas	<i>É possível</i>
Marcadores de certeza Expressam compromisso total com o valor-verdade do texto		<i>Sem dúvida</i>
Atribuidores Referem-se à fonte da informação		<i>X afirmou</i>
Marcadores atitudinais Expressam valores afetivos do escritor em relação ao texto e ao leitor	Verbos deônticos	<i>Precisa</i>
	Advérbios atitudinais	<i>Infelizmente</i>
	Adjetivos atitudinais	<i>É um absurdo</i>
	Verbos cognitivos	<i>Sinto que</i>
Comentários Ajudam a estabelecer a comunicação entre escritor-leitor no decorrer do texto	Perguntas retóricas	<i>Qual é o futuro da criança...</i>
	Endereçamento direto	<i>Você precisa entender, caro leitor</i>
	Expressões inclusivas	<i>Vamos resumir</i>
	Personificação	<i>O que os votos estão dizendo</i>
	À parte	<i>Diana (ironicamente para Spenser)...</i>

Fonte: Dafoulz-Milne (2008)

3 Metodologia

3.1 Dados

O *corpus* deste trabalho compõe-se de uma entrevista coletada pelo Projeto NURC e de um artigo de opinião publicado no jornal Folha de S. Paulo.

Os MMDTs e os MMDIs da modalidade oral foram examinados em uma entrevista documentada pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil). O diálogo, entre dois informantes: L1, homem, paulistano, solteiro, engenheiro, com 26 anos; e L2, mulher, paulistana, solteira, psicóloga, com 25

anos, tem como tema “A cidade e o comércio”, foi gravado em 15 de março de 1976 e tem 80 minutos de duração.

Os MMDTs e os MMDIs da modalidade escrita foram examinados em um artigo de opinião: “Templo é dinheiro?”, de Clovis Rossi, publicado no jornal Folha de São Paulo, Primeiro Caderno, em 28 de agosto de 2009.

3.2 Procedimentos de análise

A análise foi feita da seguinte maneira:

- (a) segmentação da conversa ou do artigo em unidades oracionais, seguida de
- (b) anotação das relações discursivas, com base no Quadro 3.

Em nossa análise, decidimos delimitar o número dessas categorias, restringindo-nos a examinar no texto oral e no escrito os seguintes itens:

- (a) alguns MMDTs específicos da escrita, foram excluídos;
- (b) dentre os MMDTs, optamos por verificar os Marcadores Lógicos, pois são um dos fatores que constituem problema na passagem da modalidade oral para a escrita;
- (c) quanto aos MMDIs, optamos pelos elementos indicadores do posicionamento do autor: *hedges*, marcadores de certeza e de atitude, utilizados por bons escritores (THOMPSON, 2001).

Resumimos, então, as categorias relacionadas para análise no quadro a seguir:

Quadro 3 - Resumo dos marcadores metadiscursivos textual e interpessoal

MMDT	Marcadores Lógicos Sequenciadores Topicalizadores
MMDI	Epistêmicos/Marcadores de certeza Deônticos Comentários

Fonte: Elaborado pela autora

A análise foi feita de acordo com o quadro a seguir: os marcadores para cada categoria foram sublinhados e computados manualmente. Para facilitar a visualização, trazemos o Quadro 4 com a codificação proposta:

Quadro 4 - A codificação na análise

MMDT	Código
(a) Lógico - que introduz*	oração subord. adverbial ou substantiva (sub)
	oração adjetiva (pron)

	oração reduzida	(reduz)
	oração coordenada	(coord)
(b) Sequenciador		sublinhado
(c) Topicalizador		sublinhado
MMDI		
(d) Epistêmico/Certeza		(E)/(C)
(e) Deontico		(D)
(f) Comentário	Pergunta Retórica	(perg)
	Expressão Inclusiva	(incl)
	Endereçamento Direto	(end)

Fonte: Elaborado pela autora

*Essa distinção decorre do fato de, nos Marcadores Lógicos, os resultados serem bastante diferentes para as modalidades escrita e oral. Além de sublinhados esses marcadores foram diferenciados de acordo com a relação semântica que estabelecem no texto.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Analizamos os dados examinando a ocorrência dos Marcadores Metadiscursivos Textuais [Lógicos, Sequenciadores e Topicalizadores] e dos Marcadores Metadiscursivos Interpessoais [Epistêmicos/Certeza, Deonticos e Comentários]. Verificamos quais os MMDTs e os MMDIs mais ocorrem nos textos oral e escrito analisados. Além de avaliarmos de que modo essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe dessas duas modalidades.

A seguir transcrevemos alguns trechos dos textos analisados com as subcategorias dos MMDTs e dos MMDIs. Os exemplos foram colocados lado a lado apenas para facilitar a visualização dos marcadores analisados.

NOTA: # marca início de parágrafo

(a) Verificação de Marcadores Metadiscursivos Textuais Lógicos

ESCRITA	ORALIDADE
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09 273 palavras</p>	<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°.s. 441 e 442] 822 palavras</p>

#Passo a coluna para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), <u>porque</u> o <u>que</u> ele narra consegue ser estarecedor mesmo em um país <u>em</u> <u>que</u> parecia esgotado o estoque de estarecimentos.	sub pron pron	Doc - gostaríamos <u>que</u> vocês falassem a respeito da cidade e do comércio.. . L1 - tem saído ultimamente... de carro ? L2 - «risos» tenho <u>mas</u> você diz sair... fora... sair normalmente para a escola essas coisas?	sub coord
--	-------------------------	---	----------------------

Considerando a diferença de extensão entre o texto escrito e o oral, verificamos que os conectivos lógicos representam 30,43% (14 ocorrências) no texto escrito e 47,06% (79 ocorrências) no oral. Então, questionamos como essa porcentagem se dividiria entre os tipos de MMDTs Lógicos.

De um modo geral, a escrita apresenta uma grande porcentagem de orações subordinadas adjetivas: 50,0% contra apenas 15,0% na oralidade, mas apresenta menor número de orações subordinadas substantivas ou adverbiais (14,5% X 35,0%), fato que nos surpreendeu, pois o esperado era que essas orações também preponderassem na escrita, tal como as orações adjetivas. Porém, confirma as palavras de Halliday de que a sintaxe da oralidade é mais complexa do que a da escrita. No entanto, o menor número de orações coordenadas na escrita (28,5% X 33,0%) confirma: a coordenação é mais comum na fala. Por outro lado, as relações implícitas prevalecem na oral.

A maioria de ocorrência de coordenadas e de relações implícitas na modalidade oral nos remete à situação vivenciada em sala de aula ao analisarmos as redações de nossos alunos nas quais os conectivos empregados são apenas os mais corriqueiros, como: *e, então, mas...* O fato de na conversa a interação ocorrer face a face, é muitas vezes suficiente para esclarecer o tipo de relação que une as porções do texto, o que não ocorre na escrita. O escritor precisa esclarecer essas relações orientando seu leitor sobre a informação pretendida.

Nesse sentido, os conectores lógicos têm importante função interpessoal, além da textual, como afirmam Hyland e Tse. A tendência, porém, que se observa, nas produções dos os alunos, é a transposição de escolhas léxico-gramaticais da língua oral para a escrita sem fazer as adaptações necessárias.

(b) Verificação de Marcadores Metadiscursivos Textuais Sequenciadores

ESCRITA	ORALIDADE
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09 273 palavras</p>	<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°s. 441 e 442] 822 palavras</p>

<p>#<u>Passemos</u> ao estarrecedor, na palavra do deputado: "Se o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era questionável em vários aspectos, o acórdão com setores evangélicos (...) à exceção do PSOL, foi um absurdo.</p> <p><u>Agora</u>, quem inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização obrigatoriamente reconhecida pelo Estado...</p>		<p>L1 - porque ele ainda não está... trabalhando bem né? ou seja ele está funcionando mas... acho que a: causa básica dele é transporte em massa... (correto?) é um meio de transporte que... não causa trânsito... não causa congestionamento o metrô... funciona diferente de vários ônibus né? (não é) um ônibus atrás do outro... mas é um transporte RAPido... é uma... das opções de transporte...(agora) para você... transportar a massa... <u>BEM</u> você não pode ter uma linha só... você tem que ter várias linhas para cobrir toda a área de São Paulo e distribuir né?</p>	
--	--	---	--

A porcentagem maior (10,89%, com 5 ocorrências) de Sequenciadores na escrita sugere que o escritor sinaliza claramente a ordem dos assuntos facilitando o acompanhamento de seu raciocínio. Como atestam Hempel e Degand (2007), em textos escritos esse processo é mais difícil, a transferência de informação é fechada e não-recíproca. Na escrita os Sequenciadores garantem um texto bem estruturado, o escritor sinaliza ao leitor as várias partes em que quer dividir o texto, como vemos no exemplo acima (“passemos” e “agora”). Em um artigo de opinião, devemos esperar maior ocorrência deles, porque o autor desejará convencer seus leitores da relevância de seu ponto de vista (HEMPEL e DEGAND, 2007).

Por outro lado, na oralidade não vemos isso acontecer, a ocorrência de Sequenciadores é menor, 5.35%, com apenas 9 ocorrências, dificultando o entendimento da conversa já que não há uma sequência clara dos assuntos tratados, os dois interlocutores mudam o foco da conversa constantemente, sem sinalizar a ordem dos fatos. Esse baixo número é também característico das produções de alunos que, com a bagagem da sintaxe da oralidade, não explicitam devidamente a sequencialização almejada e comprometem a ligação entre as partes. Os Sequenciadores contribuem para fragmentar a informação, que será reunida criando a coesão textual e a coerência discursiva.

(c) Verificação de Marcadores Metadiscursivos Textuais Topicalizadores

ESCRITA	ORALIDADE
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09 273 palavras</p>	<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°.s. 441 e 442] 822 palavras</p>

<p>#<u>Passo a coluna</u> para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), porque o que ele narra consegue ser estarrecedor mesmo em um país em que parecia esgotado o estoque de estarrecimentos.</p> <p>#<u>Chico fala da madrugada de 26</u> para 27 deste mês, em que a Câmara dos Deputados aprovou um absurdo projeto de lei...</p>		<p>L2 - <u>esse negócio de lei de zoneamento</u> não está funcionando? L1 - não que eu saiba não::... não é tão...tão forte essa lei não não consegue!.. moldar a cidade... L2 - não porque eu ouvi depois que... depois que estabeleceram aí:: L1 - <u>(tem isso) porque envolve interesses econômicos muito...</u> FORtes muito grandes...</p>
---	--	--

Na escrita os Topicalizadores totalizaram 19,56% (9 ocorrências). O primeiro parágrafo apresenta uma topicalização geral: há um “fato estarrecedor” e todos os outros Topicalizadores estão ligados a ele apresentando fatos e questionamentos que guiam o leitor.

Porém, essa ocorrência na escrita pode ser alta somente em relação à oralidade, já que, de acordo com Dafouz-Milne (2008), esses itens seriam pouco utilizados em artigos de opinião por conta de economia linguística ditada por esse gênero.

Na oralidade, verificou-se a porcentagem de 14,28% (24 ocorrências). A conversa inicia-se com um tema, a cidade e o comércio, que não será o elemento organizador da fala, pois, a partir dele, diversos assuntos surgem (beleza da cidade, lembranças dos tempos de infância, lei de zoneamento, interesses econômicos, transporte de massa, entre outros). Na conversa, falante e ouvinte alternam-se em turnos, nem um nem outro tem condições de impor a continuidade de um tema, uma ideia puxa outra. Esse fato justifica a grande quantidade de Topicalizadores nesse gênero. Assim, o exame do todo do texto oral não apresenta coerência em relação a um propósito inicial, mas poder-se-ia falar em coerência em porções da conversa.

Essa tendência ao engate de assuntos, típica da oralidade, é o que podemos notar nas redações de alunos, os quais se limitam a listar assuntos, ou aspectos de um fenômeno, sem se preocupar em problematizar a questão, propor uma solução e apresentar uma série de argumentos em defesa de sua tese, no caso de uma dissertação argumentativa, por exemplo.

- (d) Verificação de Marcadores Metadiscursivos Interpessoais Epistêmicos/Certeza e
- (e) Marcadores Metadiscursivos Interpessoais Deônticos

ESCRITA	ORALIDADE
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09 273 palavras</p>	<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°.s. 441 e 442] 822 palavras</p>

Se o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era <u>questionável</u> em vários aspectos, o acórdão com setores evangélicos (<u>não a totalidade</u>), patrocinado por <u>quase todos</u> os partidos (inclusive o "oposicionista" DEM), à exceção do PSOL, foi um <u>absurdo</u> .	E E E C	L1 - cidade que não <u>dá para ter</u> planejamento (?) ela está crescendo <u>desordenadamente</u> L2 - dá <u>daria né?</u> é que não:: L1 - e:: <u>sempre...</u> quem manda é::... os... a::... -- como é que se diz - - ... especulação imobiliária né? ... <u>certo local</u> fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? então constrói-se muitos prédios ali e aí depois muda...	E C E C E
Agora, quem inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização <u>obrigatoriamente</u> reconhecida pelo Estado...	D		

Os resultados dos MMDIs Epistêmicos, Marcadores de Certeza e Deônticos mostram que a ocorrência desses marcadores não difere muito entre a escrita e a oralidade (26,10% contra 18,45%). No entanto, se consideramos a ocorrência de cada um dos MMDIs relacionados, há diferenças. Dentre os 12 marcadores na escrita, 50% são Epistêmicos e, dentre os 31 marcadores na oral, 61% representam os Epistêmicos. Essas altas porcentagens (50% e 61%) mostram a preocupação do escritor e também do falante em se acautelar, através de *hedges*, ao emitirem suas opiniões. Essa atitude é mais recorrente na modalidade oral talvez porque a interação, envolvendo pessoas que não se conheciam, não abrangue oposição mais agressiva.

Esse resultado condiz com os resultados encontrados por Dafouz-Milne (2008), ao analisar artigos de opinião das línguas espanhola e inglesa, mostrando que modalizações epistêmicas constituem um importante recurso utilizado por escritores como forma de mitigar a informação.

Quanto aos MMDIs de Certeza, verificou-se maior ocorrência na escrita (40%), muito mais que na oralidade (26%), indicando que, sem a presença do interlocutor, é mais fácil a expressão de certeza por parte do escritor. Já na situação face a face, a menor porcentagem mostra um maior cuidado do falante em evitar o risco de uma afirmação mais categórica a esse respeito.

Os MMDIs Deônticos foram os que apresentaram menor ocorrência em relação aos demais. Considerando os gêneros examinados, não é de admirar que marcadores de obrigatoriedade tenham sido raros. No artigo, o autor aponta uma situação 'estarrecedora', e passa a demonstrar a realidade dessa característica através de uma argumentação não preocupada em apontar obrigação por nenhuma das partes. Na conversa, nem o engenheiro, nem a psicóloga, utilizam-se de léxico deôntico na descrição dos problemas de uma cidade grande.

(f) Verificação de Marcadores Metadiscursivos Interpessoais de Comentários

ESCRITA	ORALIDADE
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09</p> <p>273 palavras</p>	<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°. 441 e 442]</p> <p>822 palavras</p>

...("você sabia que estavam ameaçados?", pergunta o deputado. E você, sabia?).	end/perg	é um meio de transporte que... não causa trânsito... não causa congestionamento o metrô... <u>funciona diferente de vários ônibus né?</u> (não é) um ônibus atrás do outro... mas é um transporte Rápido... é uma... das opções de transporte...(agora) para <u>você</u> ... transportar a massa... BEM <u>você</u> não pode ter uma linha só... <u>você</u> tem que ter <u>várias linhas para cobrir toda a área de São Paulo e distribuir né?</u>	perg
...(aliás, Chico pergunta: " <u>templo é dinheiro?</u> ").	end/perg		end
	perg		end perg

A análise dos Comentários revelou um número equilibrado de ocorrências desses marcadores (escrita: 13,03%, e oralidade: 14,33%). As Perguntas Retóricas apresentaram maior número de ocorrências, na escrita: 50%, na oralidade: 60%, mostrando que o escritor/falante, ao mesmo tempo em que tentava aproximar-se dos interlocutores, através de perguntas, na realidade não estava preocupado com as respostas, pois as perguntas tinham o caráter de retóricas. Thompson (2001) afirma que o uso de Perguntas Retóricas tem como objetivo a manipulação, pois ao colocar abertamente uma questão cuja resposta o leitor/ouvinte espera, o escritor/falante encoraja-o a aceitar a direção dada no texto, como se o receptor buscasse exatamente o encaminhamento oferecido pelo emissor.

Os MMDIs de Endereçamento, também em grande quantidade e de ocorrência equilibrada nas duas modalidades (33% e 35%, respectivamente para a escrita e para a oralidade), mostram novamente a preocupação do produtor do texto em envolver o interlocutor.

Quanto ao uso de Expressões Inclusivas (escrita: 17%, oral: 5%), os resultados mostram que a escrita, sem a presença do leitor real, lança mão de recursos que envolvem o leitor, na tentativa de ganhar sua adesão à argumentação que propõe. Já a modalidade oral, com apenas 5% de MMDIs Inclusivos, parece mostrar que a simples presença dos interlocutores preencha essa função, através de gestos e olhares que indicam o envolvimento com o assunto em foco.

Talvez porque na conversa o uso dos MMDIs de Comentário seja menos necessário, pode-se perceber a dificuldade de os alunos trabalharem com esses itens interpessoais em seus textos.

4.1 Ocorrência de MMDTs e MMDIs na Oralidade e na Escrita

A Tabela 1 apresenta os resultados da análise.

MARCADORES METADISCURSIVOS TEXTUAIS (MMDT)	Escrita (%)	Oralidade (%)
Lógicos Expressam relações semânticas entre trechos do discurso	30,43	47,06

Sequenciadores Marcam posições em uma série		10,89	5,35
Topicalizadores Indicam mudança de tópico		19,56	14,28
MARCADORES METADISCURSIVOS INTERPESSOAIS (MMDI)			
Epistêmicos Expressam compromisso parcial ao valor-verdade do texto		13,04	11,30
Certeza Expressam total compromisso		10,89	4,76
Deônticos		2,17	2,38
Comentários	Pergunta Retórica	6,52	8,92
	Expressão Inclusiva	2,17	0,60
	Endereçamento Direto	4,34	5,35
	Totais	100	100

Tabela 1 - MMDTs e MMDIs verificados nos dados.

Nas duas modalidades a preponderância quanto ao uso de marcadores metadiscursivos é dos MMDs Textuais. Entretanto podemos perceber na oralidade maior presença desses marcadores em relação à escrita. Por outro lado, a presença de MMDs Interpessoais foi levemente maior na escrita que na oralidade.

Um olhar atento nas subcategorias que constituem as taxonomias textual e interpessoal também revela diferenças bastante interessantes quanto ao uso desses marcadores pelo escritor/falante. Quanto ao uso de MMDTs Lógicos, três fatores nos chamam a atenção. Primeiro com relação ao uso de conjunções subordinativas e coordenativas: na oralidade a presença delas é maior, fato que nos surpreendeu, pois a expectativa era pelo oposto, e por diversas vezes os mesmos marcadores se repetem: *mas*, *e*, *então*, *porque*. Segundo, com relação ao uso de relações implícitas: se na escrita não apareceram, na oralidade ocorreram bastante, o que corrobora o fato vivenciado em sala de aula, os alunos teriam dificuldade em trabalhar com MMDTs Lógicos já que na fala não os usam e, quando o fazem, é através dos mais corriqueiros como já apontamos. Terceiro, com relação ao uso de orações adjetivas na escrita: os pronomes relativos constituíram o principal tipo de MMDT Lógico dessa modalidade, evidenciando que o escritor busca em potencial ancorar suas informações nas orações adjetivas, fornecendo dados que o ajudem a convencer a audiência. Isso não acontece na conversa, assim a ausência de orações adjetivas na oralidade poderia estar ligada à dificuldade apresentada pelos alunos em empregar pronomes relativos em seus textos, principalmente os pronomes *onde* e *cujo* (a).

A utilização de MMDTs Sequenciadores na conversa é baixa se comparada com a escrita, onde a estruturação do texto depende desses marcadores. Na oralidade, vários

assuntos se misturam sem que haja uma sequência explícita, e dessa maneira também se apresentam as produções textuais, nas quais os alunos falam de vários assuntos no mesmo parágrafo sem concluir nenhum, apenas jogam as ideias no papel de forma aleatória.

Semelhante processo ocorre com o uso de MMDTs Topicalizadores. Se na escrita o autor organiza as partes do texto de modo que a argumentação caminhe na direção pretendida, na oralidade os tópicos vão entrando na conversa sem elementos organizadores, as ideias vão se enfileirando caoticamente, como nos textos dos alunos, em que aspectos de um tema são colocados sem organização, mostrando que não sabem que pontos de vista defendem, o que resulta, muitas vezes, em construções incoerentes.

A respeito da utilização de MMDs Interpessoais nas duas modalidades, os Epistêmicos foram preponderantes e a ocorrência deles foi bastante equilibrada entre a escrita e a oralidade. Semelhante equilíbrio de ocorrências se deu com os Deônticos, porém foram os MMDIs que menos apareceram no *corpus*. Já em relação aos MMDIs de Certeza, houve uma diferença de aproximadamente 100% de ocorrências a mais na escrita. Isso mostra que a argumentação, no texto escrito, é bem mais radical, o escritor, aproveitando-se do fato de não estar na presença de seu interlocutor, não mede esforços para convencer a audiência. Por outro lado, na oralidade o fato de estarem frente a frente, falante e ouvinte, impede-os de serem tão radicais, eles modalizam o tempo todo como forma de garantirem proteção à face.

Em relação aos MMDIs Comentários, os resultados de Perguntas Retóricas e Endereçamentos Diretos também foram bastante parecidos, o que não se verificou com as Expressões Inclusivas, na escrita houve um percentual de, em média, 200% mais ocorrências que na oralidade. Se essas expressões são utilizadas com a função de envolver o leitor e trazê-lo para o lado do escritor, esse resultado prova que o escritor sabe muito bem operar com esses marcadores para garantir a eficiência na persuasão. Já que a predisposição dos alunos é a de transferir, para a escrita, características da fala, a baixa ocorrência dessa subcategoria na oralidade também contribui para entender o comportamento dos alunos ao não empregarem, em seus textos, importantes marcadores que os ajudem a persuadir sua potencial audiência.

Ao compararmos os resultados obtidos por Dafouz-Milne (2008), em que os MMDIs Epistêmicos (*Hedges*) foram os mais numerosos nos artigos por ela analisados, e as expectativas de Hempel e Degand (2007), que afirmam que devemos esperar maior ocorrência de metadiscursos organizacionais no jornal, tais fatos se confirmaram também nesta pesquisa, e não só com a escrita. Na oralidade também tivemos a preponderância de Lógicos entre os Marcadores Metadiscursivos Textuais, e de *Hedges* entre os Marcadores Metadiscursivos Interpessoais. Entretanto a diferença no uso dos marcadores nas duas modalidades se fez notar especialmente nas subcategorias e foi decisiva para ajudar a entender a forma como os alunos escrevem, ignorando que a lexicogramática da modalidade oral é diferente daquela da escrita.

5. Considerações Finais

Conforme já apontamos na discussão dos resultados, a sintaxe característica de cada uma das modalidades aqui estudadas é diferente. De um modo geral, vê-se que, quanto a MMDTs Lógicos, a escrita caracteriza-se pela grande porcentagem de orações subordinadas adjetivas, e menor número de orações subordinadas substantivas ou adverbiais. Entretanto, o menor número de orações coordenadas na escrita confirma a regra: a coordenação é mais comum na fala. Por outro lado, as relações implícitas prevalecem na modalidade oral em relação à escrita, o que pode esclarecer a razão de os alunos omitirem os conectivos em suas produções escritas.

O uso de MMDTs Sequenciadores prevalece na escrita, já que, na ausência do leitor, o escritor precisa sinalizar claramente a ordem em que os assuntos aparecem, para facilitar ao leitor o acompanhamento de seu raciocínio. O baixo número desses marcadores na oralidade é também uma característica das produções dos alunos que, com a bagagem da sintaxe da modalidade oral que possuem, não conseguem explicitar devidamente a sequencialização desejada, acabam prejudicando a coesão textual e a coerência discursiva de seus textos escritos.

Em relação à ocorrência de MMDTs Topicalizadores na escrita, ela se dá de maneira organizada: todos os marcadores dessa subcategoria estão relacionados ao primeiro marcador que aparece já no início do texto e vão encaminhando o leitor na direção pretendida pelo escritor. Por outro lado, na oralidade falante e ouvinte alternam-se em turnos, e, assim, nem um nem outro têm condições de impor a continuidade de um tema, já que uma ideia acaba puxando outra. É esse fato que justifica a grande quantidade de MMDTs Topicalizadores nesse gênero. Essa tendência ao engate de assuntos, típico da modalidade oral, é o que podemos notar nas redações dos alunos, os quais se limitam a enumerar diversos assuntos, ou aspectos de um fenômeno sem se preocupar em problematizar a questão, propor uma solução e apresentar argumentos em defesa de sua tese.

Quanto à presença de MMDs Interpessoais no *corpus* da pesquisa, o uso predominante de expressões epistêmicas revelou que nas duas modalidades o escritor/falante tenta se acautelar, através de *hedges*, ao emitir suas opiniões. Essa atitude foi relativamente mais alta na modalidade oral, o que talvez tenha ocorrido devido à interação que, neste caso, envolvia pessoas desconhecidas e, como forma de garantirem proteção a sua face, mitigaram a oposição. A escrita apresentou maior número de MMDIs de Certeza em relação à oralidade, o que demonstra que na ausência do interlocutor, é mais fácil a expressão de certeza por parte do escritor. Já na situação face a face, a menor porcentagem indica que há maior cuidado por parte do falante em evitar o risco de uma afirmação mais categórica a esse respeito. MMDIs Deônticos foram os menos típicos em relação aos demais nas duas modalidades. Considerando os gêneros examinados, não é de admirar que marcadores de obrigatoriedade tenham sido raros. Na escrita, o autor

aponta para uma situação 'estremecedora', e passa a demonstrar essa realidade por meio de uma argumentação não preocupada em apontar a obrigação por nenhuma das partes envolvidas. Na oralidade, os falantes envolvidos não se utilizam de léxico deontico na descrição dos problemas de uma cidade grande para não comprometerem a face.

Os MMDIs Comentários também são típicos das duas modalidades, principalmente no que diz respeito ao uso equilibrado de Perguntas Retóricas e de Endereçamentos como forma de envolver o interlocutor. Já quanto ao uso de Expressões Inclusivas, os resultados mostram que a modalidade escrita, que não conta com a presença do leitor real, lança mão de recursos que envolvem o leitor, na tentativa de ganhar sua adesão à argumentação que propõe; na modalidade oral, o menor uso parece mostrar que a simples presença dos interlocutores preencha essa função, através de gestos e olhares que indicam o envolvimento com o assunto em pauta.

Diante dessas constatações, podemos afirmar quais os MMDs Textuais e quais MMDs Interpessoais mais ocorreram na modalidade oral e na escrita. A preponderância quanto ao uso de MMDs ficou para os Textuais, entretanto podemos perceber na oralidade maior presença desses marcadores em relação à escrita. Dentre os Textuais, os que ocorrem em maior número nas duas modalidades são os Lógicos demonstrando que o escritor/falante tem como principal foco o esclarecimento das relações entre as partes do texto. Por outro lado, a presença de MMDs Interpessoais foi levemente maior na escrita que na oralidade. Os Interpessoais mais presentes no *corpus* foram os Epistêmicos, o que sugere que os *hedges* são uma estratégia importante na tentativa de mitigar a informação e proteger a face. Essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe das duas modalidades analisadas na medida em que, de acordo com o gênero, artigo de opinião ou conversa, a tipicidade de ocorrência de MMDs Textuais ou MMDs Interpessoais se dá de forma distinta, o que mostra, tanto ao professor em formação, como ao aluno em vias de produzir um texto escrito, que o uso de um ou outro marcador, além de servir a propósitos específicos, tem um determinado efeito ao ser utilizado. A compreensão desse fenômeno garantiria ao aluno destreza na produção escrita ou oral, uma vez que daria a ele a possibilidade de entender até que ponto fala-se e escreve-se de forma diferente. Nesse sentido este estudo vai ao encontro de suas necessidades. Como contribuição teórica, o estudo coloca a ocorrência dos MMDs e a descrição detalhada do seu uso como forma de explicitar as diferenças e exigências de cada modalidade analisada para se compreender o difícil processo de retextualização da oralidade para a escrita.

A presente pesquisa, entretanto, não tem a pretensão de ser um estudo amplo, pois as constatações aqui anotadas referem-se apenas ao *corpus* utilizado. Essa limitação leva ao interesse pela investigação de outras manifestações da escrita e da oralidade, que podem e devem, ser estudadas, de maneira que o estudo de Marcadores Metadiscursivos, inquestionavelmente amplo e participante efetivo do processo da comunicação, possa ter grande parte da sua natureza revelada.

Referências Bibliográficas

- CASTILHO, A.T.; PRETI, D. (orgs.) 1986. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. 1 – Elocuções Formais. São Paulo: T.A. Queiroz Editor.
- DAFOUZ-MILNE, E. 2008. The pragmatic role of textual and interpersonal metadiscourse markers in the construction and attainment of persuasion: a cross-linguistic study of newspaper discourse. *Journal of Pragmatics*, 40, p. 95-113.
- DAFOUZ, E. 2003. Metadiscourse revisited: a contrastive study of persuasive writing in professional discourse. *Estudios Ingleses de la Universidad Complutense*, 11, p. 29-52.
- EGGINS, S. 1994. An introduction to systemic functional linguistics. London: Pinter.
- FRASER, B. 1999. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, 31, p. 931-952.
- HALLIDAY, M.A.K. 1994. An introduction to functional grammar. 2. ed. London: Edward Arnold.
- HEMPEL, S. e DEGAND, L. 2008. Sequencers in different text genres: academic writing, journalises and fiction. *Journal of Pragmatics*, 40, p. 676-693.
- HYLAND, K. 2005. Metadiscourse, exploring interaction in writing. Oxford: Continuum.
- _____. 1998a. Persuasion and context: the pragmatics of academic discourse. *Journal of Pragmatics*, 30, p. 437-455.
- HYLAND, K., TSE, P. 2004. Metadiscourse in academic writing: a reappraisal. *Applied Linguistics*, 25, p. 156-177.
- LEE, S.H. 2008. An integrative framework for the analyses of argumentative- persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text & Talk*, 28, p. 270-339.
- MAO, L.R. 1993. I conclude not: toward a pragmatic account of metadiscourse. *Rhetoric Review*, 11, p. 265-89.
- MAURANEN, A. 1993. Cultural differences in academic rhetoric. Frankfurt: Peter Lang.
- REDEKER, G. 1990. Ideational and pragmatic markers of discourse structure. *Journal of Pragmatics*, 14, p. 367-381.
- RISSO, M.S. 1999. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado. In: M.H. MOURA NEVES (Org.) Gramática do Português Falado – VII: Novos Estudos. SP: FAPESP; UNICAMP.
- _____. 1996. O articulador discursivo ‘então’. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Org.) Gramática do Português – IV: Estruturas Descritivas. SP: FAPESP; UNICAMP.
- RISSO, M.S., URBANO, H. 1992. Marcadores conversacionais: uma busca de traços padrões. Projeto de pesquisa apresentado no VI Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado. Campos do Jordão.
- ROSSI, C. 2009. Templo é dinheiro? Folha de São Paulo, São Paulo, 28 ago. Primeiro Caderno, p. 2.
- SCHIFFRIN, D. 2001. Discourse markers: language, meaning and context. In: D. SCHIFFRIN, D. TANNEN, H.E. HAMILTON (Org.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell.
- _____. 1987. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

SPERBER, D. WILSON, D. 1995. *Relevance: communication and cognition*. 2. ed. Oxford: Blackwell.

TABOADA, M. 2006. Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*, 38, p. 567-592.

THOMPSON, G. 2001. Interaction in academic writing: learning to argue with the reader. *Applied Linguistics*, 22, p. 58-78.

THOMPSON, G. & THETELA, P. 1995. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text*, 15, p. 103-127.

Leila Cristina da SILVA is graduated in Languages from the College of Philosophy, Sciences and Language of Jacarezinho (2001), has a master's degree in Applied Linguistics and Language Studies from São Paulo Catholic University (2008), under Sumiko N. Ikeda's supervision. She is currently a PhD student in Applied Linguistics and Language Studies from São Paulo Catholic University and has experience in teaching Portuguese Language. E-mail: leilinhasilva484@gmail.com